

# EDUCAÇÃO SEXUAL: instrumento de democratização ou de mais repressão?

Mesa-redonda apresentada na XXXII reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Rio de Janeiro, julho de 1980.

*Participantes:*

MARILENA CHAUI – professora de Filosofia da Universidade de São Paulo; vice-presidente do CEDEC (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea).

MARIA RITA KEHL – psicóloga e jornalista, colaboradora da revista *Psicologia Atual*.

MARIA JOSÉ WEREBE – pesquisadora do CNRS (Centre National de Recherches Scientifiques).

*Coordenação*

MARIA CRISTINA A. BRUSCHINI – pesquisadora da Fundação Carlos Chagas.



**C**ristina: Antes de dar a palavra às participantes, gostaria de analisar brevemente o significado desta reunião. Vários indícios fazem supor que um programa de educação sexual venha a ser brevemente implantado, pelo menos no Estado de São Paulo. Em várias escolas particulares isso já é uma realidade. A Secretaria da Educação do Município de São Paulo cujo programa, iniciado em 1978, atingia apenas 3 escolas, ampliou-o recentemente para 32. A nível estadual, os organismos oficiais responsáveis pelo estabelecimento de normas pedagógicas começam a se organizar para traçar as diretrizes da nova disciplina.

Cabe perguntar, neste momento, para *que*, ou para *quem* servirá a educação sexual. Ao observador menos atento ela pode parecer alguma coisa intrinsecamente boa, que contribua para dar à criança, ao adolescente, ao jovem, uma visão positiva em relação ao sexo, sempre criando um clima favorável à livre manifestação de diferentes pontos de vista.

Nada garante, porém, que isso seja verdade. A educação sexual pode, por exemplo, limitar-se a transmitir unicamente informações de caráter biológico, como a anatomia e a fisiologia do aparelho reprodutor; pode

também se restringir a uma abordagem meramente "preventiva", quando então se torna instrumento para o controle de doenças venéreas, gravidezes precoces, ou outros eventuais "desastres"; pode ainda ser o veículo apregoador de atitudes repressivas em relação ao sexo, seja de forma abertamente moralista e conservadora, seja de maneira mais sutil, alertando o jovem para os "perigos" que uma liberdade sexual "sem responsabilidade" traz em seu bojo.

Mais importante, porém, é que a educação sexual poderá vir a ser invocada como um veículo capaz de inculcar nos jovens atitudes e conhecimentos que os levariam a um comportamento reprodutivo adequado à política demográfica, que parece estar prestes a ser implantada pelo Governo. Ou seja, a educação sexual seria o meio mais eficiente para transmitir a ideologia da "paternidade responsável", enfatizando as vantagens da família pequena. Se essa hipótese não é correta, por que esse renascer do interesse por essa matéria, precisamente quando o Brasil, pela primeira vez em sua história, assume uma posição favorável ao planejamento familiar? Afinal, não é a primeira vez que a educação sexual é reivindicada ou mesmo realizada no Brasil, sempre seguida, porém,

de um movimento repressivo. Em 1920, as feministas da Federação Brasileira para o Progresso Feminino, lideradas por Berta Lutz, pediam sem sucesso sua implantação. Em 1930, um colégio do Rio de Janeiro incluía em seu currículo o ensino da evolução das espécies e a educação sexual. Essa experiência inovadora, porém, terminou com a demissão do responsável, contra o qual foi movida uma ação.

A década de sessenta foi um período bastante fértil em experiências de educação sexual, principalmente no Rio e em São Paulo. No colégio carioca André Mau-rois, criou-se um clima de grande liberdade na escola, ao qual se seguiu uma crise que acabou resultando na exoneração da diretoria, na suspensão de professores e na expulsão de alunos. Em São Paulo, houve várias iniciativas importantes, como a do Colégio de Aplicação, dos Ginásios Vocacionais e dos Ginásios Pluricurriculares, todas interrompidas com a onda de repressão que atingiu o país a partir de 68.

Por que ressurgiu agora o interesse pelo assunto, a ponto de o debate atingir os meios de comunicação, e de São Paulo ser palco de dois congressos de educação sexual em 78 e 79, reunindo cerca de dois mil educadores?

Será esse movimento apenas fruto da assim chamada "abertura"? Ou haverá interesse em oficializar a educação sexual nas escolas para garantir o sucesso do programa oficial de planejamento familiar?

Não se pretende aqui assumir uma posição contrária à implantação da educação sexual no país. O que se quer, antes, é alertar para o fato de que a educação sexual pode ter também objetivos limitados e repressivos, e que a implantação de um programa por si só não garante que se esteja visando a metas mais amplas, como a realização do ser humano, a emancipação da mulher, a igualdade entre os sexos e a aceitação do prazer na vida sexual. Além disso, se o que se busca, no caso da reprodução, é aumentar a liberdade de opção, tanto no sentido de evitar filhos indesejados quanto no sentido de criar condições dignas de vida para os filhos desejados, a educação sexual não pode assumir um caráter de doutrinação, pregando as vantagens de uma família pequena, nem deve estar desligada de uma proposta mais abrangente de alterações estruturais. Ao contrário, a educação sexual só atenderá a objetivos mais amplos, se procurar situar o sexo em um contexto de relacionamento entre os seres humanos, enfatizando a conexão entre a sexualidade, o desenvolvimento pessoal, as relações interpessoais e a estrutura social, e situando a sexualidade no contexto político e social, através de uma visão histórica e cultural. Deve procurar, também, abordar a sexualidade como um aspecto natural e positivo da vida humana, sempre propiciando a livre discussão de normas e padrões de comportamento em relação ao sexo e o debate das atitudes das pessoas frente à própria sexualidade.

Portanto, é desejável que um programa sexual não limite artificialmente seus objetivos a questões de reprodução e inclua neles um questionamento do significado mais amplo do sexo para o indivíduo e para a sociedade. Só assim seus resultados contribuirão para a libertação do homem e da mulher.

**M**ari.ena: Eu deveria dizer como é que se organiza a família burguesa, a reprodução e transmissão dos bens, o papel que aí tem a virgindade, a castidade, o adultério e a prostituição; no caso da família proletária, como é que ela se organiza para a reprodução da força de trabalho etc. Não vou por esta linha. Vou tentar mostrar como é que o pensamento na sociedade capitalista trabalha com o corpo. E vou tentar isso através das formas mais requintadas do pensamento moderno, como aparecem na filosofia moderna. Nós tendemos a falar na repressão da sexualidade. Ela existe evidentemente, embora Foucault o negue. Acho que ele tem uma visão ingênua do problema. E, no entanto, nós nunca vamos exatamente aos fundamentos dessa repressão. Então, vamos tratá-la no plano da reflexão filosófica.

Como é que a filosofia reprime o corpo? Nós podemos dizer que a filosofia reprime o corpo a partir do séc. XVII, através da sua própria concepção do conhecimento. Sabemos que essa é a herança que temos do pensamento empirista e do pensamento racionalista, ou aquilo que podemos chamar de a herança cartesiana do pensamento ocidental moderno, que é a clara separação entre duas substâncias, a substância pensante, que é a alma, e a substância não-pensante, a coisa, que é o corpo. A partir da herança do séc. XVII, sabe-se que há duas maneiras de existir, e somente duas: ou se existe como consciência e, portanto, como sujeito presente a si mesmo através da reflexão, ou se existe como corpo. Isto é, como um conjunto de processos neurofisiológicos na terceira pessoa do singular.

A consciência é a primeira pessoa do singular. Ela define a subjetividade, ela define o ego, e o corpo define os acontecimentos físicos e mundanos sem sujeito. É a terceira pessoa, tal como a fisiologia, a medicina, a psiquiatria, a psicologia, o behaviorismo, enfim as ciências que nós conhecemos, chamadas ou não de ciências humanas, tratam o corpo; o corpo como coisa impessoal, dotado de funcionamento automático. Essa é a maneira pela qual o pensamento ocidental tematiza o corpo. E essa tematização do corpo implica, de maneira sutil, em dar à consciência um lugar privilegiado, na medida em que a consciência é intelecto, a consciência é produção de conhecimento, a consciência é o sujeito do conhecimento e a consciência é a pessoa moral. O pensamento ocidental, tanto o conservador, quanto o reformista e o progressista, deu à consciência um papel privilegiado. Isso implicou, de maneira sutil e implícita, na desvalorização do corpo. Desvalorização que aparece então no seu tratamento científico, tanto quanto no seu tratamento sócio-econômico, na medida em que a transformação do corpo em mercadoria é a forma do seu rebaixamento. E ele é mercadoria, não apenas na compra e venda da força de trabalho manual; é mercadoria, também, no instante em que certas atividades corporais passam a ser rentáveis no mercado de consumo de certos bens.

Uma dessas mercadorias é o sexo. A partir do momento em que o sexo pode estar nos *outdoors*, o sexo pode estar nos filmes, o sexo pode estar na literatura,

ele é, exatamente como qualquer outro elemento do mundo capitalista, uma mercadoria. Tomando a tematização do corpo no pensamento moderno e na sociedade moderna, veremos que ele ocupa um lugar menor, um lugar degradado, um lugar inferior e, sobretudo, um lugar de absoluta impessoalidade. O lugar do pessoal, do sujeito, o lugar fundamental é dado à consciência, concebida como algo que se distingue do corpo. Essa divisão entre o sujeito como consciência e o corpo vai tão longe no pensamento ocidental que chega um instante em que é necessário, de alguma maneira, unificar essa divisão. E nós conhecemos duas grandes formas de unificação: a unificação idealista, pela qual o corpo se transforma numa representação do sujeito enquanto consciência; isto é, num conjunto de idéias e de representações produzidas a seu respeito pelo espírito. No pólo oposto, que culmina no behaviorismo, teremos apenas o corpo, sem nenhuma consciência, entendido como um conjunto unificado de reflexos e de reforços automáticos que fazem da consciência apenas uma aparência.

**E**ssa nossa herança faz com que, uma vez dividido o sujeito como consciência e a impessoalidade como corpo — a consciência entendida como plena presença a si e total transparência a si, e o corpo entendido como uma opacidade de mecanismos automáticos que funcionam por si mesmos —, uma vez estabelecida esta dicotomia, o esforço do pensamento ocidental vai ser o de unificar esses pólos. Só que não há como unificar e a unificação se fará por redução. Na via idealista, o corpo será reduzido a uma idéia da consciência ou do espírito, e na via mecanicista, positivista, behaviorista, a consciência será reduzida a um epinônimo dos processos corporais. Não se chega, portanto, nunca, à possibilidade de pensar o corpo que não seja dessa maneira automática. Gostaria de lembrar uma tentativa feita nesse sentido, pelo filósofo Merleau Pontí, que faz a crítica ao behaviorismo, do intelectualismo, do idealismo e do humanismo. E toda essa crítica é permeada pelo que ele chama "a recuperação da dignidade ontológica do corpo". É a idéia de que o corpo tanto quanto as coisas é dotado de interioridade, é dotado de sentido. E, mais, que esse sentido não é uma coisa que a consciência atribui ao corpo, mas é um sentido que o corpo, como tal, produz.

E, mais, pela primeira vez na história do pensamento ocidental, vai ser dito que o lugar da reflexão não é a consciência. O lugar originário da volta sobre si e da capacidade reflexiva estará no corpo. Porque o corpo tem uma peculiaridade que o distingue de todo o restante. Sabemos que as coisas são visíveis, que as coisas são tangíveis, que as coisas são audíveis, que as coisas são dizíveis. O corpo, entretanto, como corpo próprio, como corpo humano, tem a peculiaridade de ser, entre as coisas visíveis, um visível que é também vidente; um tangível, entre as coisas tangíveis, que é também um tangente; um audível, entre as coisas audíveis, que é também um ouvinte; um dizível, entre as coisas dizíveis, que é também um falante. O corpo não tem apenas isto, ele tem a capacidade da reflexão, ele é o visível que se vê, vendo;

que toca e se toca, tocando. Quando a minha mão direita e a mão esquerda se tocam, o corpo realiza uma reflexão, na qual é impossível saber quem toca e o que é tocado. Há um movimento de volta do corpo sobre si mesmo no qual ele realiza o fenômeno integral da percepção, como uma percepção e o objeto da percepção se tornam indistinguíveis. Não posso distinguir quem toca e quem é tocado. E, mais, o corpo tem sobre a consciência uma vantagem enorme: a consciência é totalitária. A consciência, diante desse fenômeno, dirá que se trata da mão, ela dirá "há mão". O corpo jamais dirá que há uma mão. São duas, serão duas, sempre duas. Ele estabelece, ele conserva a diferença, a austeridade, a presença de tudo que é outro, nele e fora dele. Ao contrário da consciência, que é antropofágica, devora e anula todas as diferenças e estabelece identidade. Não podemos estabelecer, quase sem solução de continuidade, uma relação entre o pensamento ocidental, que perdeu essa dimensão ontológica do corpo como capacidade de reflexão e de conservação da diferença, como dotado de um sentido que ele produz nele mesmo e por ele mesmo. Quando o pensamento ocidental perde isso, em nome da consciência, que é transparente, indiferenciadora e totalizante porque totalitária, nós podemos ter idéia do que acontece com o sexo, nessa maneira de pensar.

Não é apenas que o sexo é a coisa menor, é a coisa espúria, é a coisa a ser controlada, é a coisa a ser manipulada. O sexo é pura e simplesmente um inexistente para o pensamento ocidental. E quando ele vem à existência, ele vem à existência sob a égide da consciência e não sob a égide do corpo. O que significa, portanto, a sexualidade recuperada no plano da consciência? A sexualidade recuperada no plano da consciência será, com raríssimas exceções, a sexualidade recuperada no interior da ideologia burguesa, que valoriza o sujeito como consciência reflexiva e que desvaloriza o corpo, na medida em que o exercício da exploração e o exercício da dominação se dão através do corpo. Ou seja, através daquilo que Michel Foucault chamou de "os corpos dóceis e disciplinados", normalizados pelas ciências humanas, a serviço do poder político e da exploração econômica. Gostaria apenas de fazer uma crítica à idéia de Michel Foucault de que não houve repressão sexual. Afirma ele que não houve repressão do sexo nas sociedades ocidentais modernas mas que, ao contrário, nunca se falou tanto de sexo, como se fala no Ocidente, nunca se estudou o sexo, como se estuda no Ocidente. O Ocidente é a única sociedade que, em vez de ter uma arte erótica, tem uma ciência sexual, tem uma psicologia, uma psicanálise e uma sexologia, que transformaram o sexo em objeto de conhecimento. Ora, eu diria que é isso justamente a repressão do sexo pelo Ocidente, o fato de falar indefinidamente sobre o sexo, de tecer ciências sobre ele, de transformá-lo num instrumento manipulável e controlável em todos os seus detalhes. A existência de uma certa linha da psicanálise, a existência da sexologia, são as formas mais perfeitas de repressão ao sexo. Na medida em que é aquilo que pode ser dito e pode ser feito, desde que a partir de certas normas, certos princípios e certas leis, esta é a forma mais sutil de reprimir o sexo. Vai na linha do que os teóricos de

Frankfurt chamavam a tolerância repressiva. Nós temos aqui a sexualidade repressiva, na medida em que o sexo é aquilo que se faz segundo normas estabelecidas por uma cientificidade que toma o sexo como objeto.

**P**or que o sexo é tomado como objeto? Na medida em que a consciência é sujeito e o sexo é acontecimento corporal, o sexo será objeto de conhecimento, tratado como coisa e manipulado como tal.

Nesse sentido de pensamento filosófico e científico e de ideologia, é que temos que pensar a questão da educação sexual. Qual será a educação sexual que se pensa implantar nas escolas, na medida em que não refletimos ainda sobre os pressupostos teóricos e práticos da própria constituição do nosso saber? Que é sujeito, que é objeto, que é consciência, que é corpo, e como é que isso funciona na montagem de um saber repressivo? A idéia, portanto, de que posso ter uma educação sexual liberada não pode caminhar, no meu entender, sem uma análise acurada da própria idéia de educação, de conhecimento, de saber, de sujeito, objeto, corpo.

**M**aria Rita: Vou falar da orientação sexual, não da educação sexual para criança, mas da sexologia como modelo de orientação sexual para adultos; para adultos praticantes de sexo numa sociedade capitalista relativamente avançada. Eu queria colocar o seguinte: tudo o que vou dizer, como reflexão, se refere, em termos de Brasil, a um setor da população: camadas médias, urbanas, uma elite pelo menos cultural. Porque quero vincular sexo e modelo de sociedade capitalista. Em termos de Brasil — como o capitalismo tem uma penetração muito diferenciada aqui —, as camadas médias das cidades é que vivem o modelo cultural, moral etc. semelhante aos países mais desenvolvidos. Tudo que vou dizer refere-se a essa faixa da população. Eu não teria condições de debater a moral sexual de faixas da população que ainda têm culturas pouco diferenciadas.

Em termos das grandes cidades, e, principalmente, das classes que sabem ler, das elites culturais que podem ler alguma coisa, eu diria que, hoje em dia, temos não só um excesso de informações sobre o sexo, como quase uma saturação de informação sobre o sexo. Já não há mais praticamente o que dizer e o que mostrar a respeito do sexo. Basta que qualquer criança que saiba ler ou no mínimo ver, passe por uma dessas bancas de revistas, e ela receberá uma informação maciça a respeito do corpo da mulher, das possibilidades de prazer, dos órgãos genitais, e outras informações como descrições detalhadas da relação sexual, ou várias modalidades de relação sexual. Isso ocorre principalmente de um ano para cá, mais ou menos, na onda da abertura. De certa forma, é uma abertura das bilheterias de cinema para a classe média, não é uma abertura de espaço político para as classes oprimidas. Mas digamos que, para nós, essa abertura trouxe alguma coisa. Trouxe muitos filmes, muita coisa para se ler, muita coisa nova para se ver, uma gran-

de festa do consumo, da aparência da liberdade. E da liberdade sexual, principalmente. Aparentemente, estamos numa sociedade em que, pelo menos para as elites, o sexo está liberado. E daí então, compreendo de maneira diferente a crítica de Foucault. Aparentemente, ele considera que, uma vez liberado o discurso, nunca houve repressão. Para mim esta é uma forma sofisticada e muito eficaz talvez não de repressão no sentido de interdição do sexo — não se pode isso, não se pode aquilo —, mas de repressão no sentido da canalização das funções sexuais para certos caminhos muito bem estabelecidos e muito bem definidos, que vou tentar analisar quais são.

Parece que o berro que as gerações jovens da década de 60 deram, a respeito da necessidade de viverem seus desejos sexuais, foi ouvido pela sociedade capitalista ou, mais exatamente, foi assimilado. Esse grito de desejo foi assimilado pela sociedade capitalista. De que maneira? Da mesma maneira que se diz que do boi se aproveita tudo, menos o berro, eu diria que, na sociedade capitalista, do homem se aproveita tudo, até o berro. O sexo no momento, é incentivado, a prática sexual é muito discutida, ela é alardeada para as camadas médias porque o sexo passou a ser um elemento de adaptação do homem à sociedade, passou a ser um elemento de equilíbrio emocional do homem que produz, que trabalha, que vive em ordem nessa sociedade, e passou a ser um elemento de consumo.

O sexo passou a ser, em primeiro lugar, um elemento de adaptação, no sentido de que, numa sociedade em que o homem urbano vive em contato com a estimulação sensorial de todos os tipos — contato com outros homens, contato com a propaganda, contato com as mercadorias para seu prazer —, ele só é adaptado a essa sociedade no momento em que sentir que tem algum direito a usufruir disso tudo. É a liberação do sexo, então, viria contribuir para acalmar aquela sua consciência cristã de que ele não pode, de que ele não deve, de que o prazer é errado etc. Nesse momento, não interessa mais o histórico paciente de Freud que tinha que sublimar toda sua energia sexual para a produção, e em alguns pontos isso estourava, e era tratado então pela psicanálise. Nesse momento, interessa o indivíduo que está em paz com sua consciência de consumidor. Ele pode, tem até o *dever* de ter prazer, de cuidar de si.

Em segundo lugar, o sexo é elemento de equilíbrio emocional, porque, de certa forma, organiza nossas relações sociais; o sexo organiza nossas preferências afetivas. Pelo sexo, decidimos o futuro de nossa vida para a eternidade através do casamento. Por uma preferência sexual de um momento de nossa vida, decidimos o que vai ser dela até o fim, pelo menos em termos de consciência. É isso que se pretende ao casar. E, terceiro, como elemento de consumo, não quero colocar simplesmente que se consome o sexo ou que se consomem objetos incentivadores do sexo — revistas, aparatos sexuais e eróticos. Porque isso ainda é pouco em termos de equilíbrio econômico. Na sociedade de consumo, o sexo é elemento de consumo no sentido em que já coloquei: é o desejo do cuidar-se, do dar-se prazer. E a partir daí é preciso que a pessoa tenha esse direito para que consuma tudo o que a sociedade produz. Hoje em dia, a

palavra de ordem — pelo menos para o homem que não é trabalhador braçal, mas para o homem de nossa camada, onde existe inclusive muita oferta de mão-de-obra — não é que você produza o tempo todo. Somos uma elite que já pode produzir menos. Mas a palavra de ordem não é mais PRODUZA! REPRIMA—SE E PRODUZA! que é a que Freud se referia. A palavra de ordem hoje em dia é GOZE E CONSUMA!

É nessa sociedade que, de uns 20 anos para cá, surge o orientador sexual. Foi mais ou menos a partir do trabalho de dois americanos chamados William Masters e Virginia Johnson, de quem vocês já devem ter ouvido falar: um casal considerado revolucionário pelo behaviorismo e pela sexologia porque começou a pesquisar o relacionamento sexual em laboratório. Tratando, provavelmente, o sexo como coisa — que foi assunto já abordado por Marilena —, eles tiveram a ousadia de invadir o corpo humano e pesquisar detalhes do funcionamento sexual que não sei muito bem por que nos interessam. Como, por exemplo, quantas batidas cardíacas ou qual o ritmo das batidas cardíacas no momento do orgasmo, a alteração respiratória, a mudança hormonal, alterações de ondas cerebrais, a ponto de a descarga orgástica chegar a ficar parecida com a descarga epiléptica,

**D**ivulgaram coisas fantásticas, para que o homem moderno possa ter consciência do que está fazendo ao praticar o sexo. A partir dessa quantidade de pesquisas, esse casal e outros cientistas que continuam na linha comportamental, desenvolveram uma série de técnicas — exatamente essa palavra, *técnicas* — para regular a maneira pela qual esses homens, que agora sabem tudo sobre seu funcionamento sexual, vão dirigir e orientar sua sexualidade para uma vida sadia e equilibrada. Essas técnicas consistem, no vocabulário comportamental, em fazer com que o homem, ou melhor, o corpo do homem, que aprendeu um repertório inadequado de respostas sexuais, desaprenda essas respostas, feche os registros antigos e abra novos registros, aprendendo respostas adequadas à sua satisfação.

É claro que numa sociedade onde existe uma estimulação constante para o consumo, de um tempo para cá, a insatisfação sexual, que certamente é muito mais antiga, começou a brotar, a aflorar, até primeiro por parte das mulheres que estavam na posição oprimida em relação ao seu direito de satisfação sexual. Por causa disso, os orientadores sexuais e sexólogos começaram a trabalhar com essa sexualidade insatisfeita e com essa tensão latente na sociedade, para diminuir a tensão, diminuir a ansiedade, e fazer com que isso passasse a fluir normalmente, de maneira equilibrada. Posso citar um exemplo de orientação dada a um casal que já não tem mais desejo sexual, mas, por motivos econômicos, por motivos de equilíbrio e de segurança, quer permanecer unido. E a sociedade deseja que eles permaneçam juntos. Existe, por exemplo, uma técnica de obter orgasmo com o parceiro, numa escala de satisfação conjugal, num contínuo de 7 pontos, onde

o indivíduo vai aproximando a sua fantasia erótica irrealizável da realidade da figura do parceiro, através de exercícios sistemáticos orientados pelo orientador sexual. Por um lado, tentar colar a fantasia à realidade me parece algo muito próximo à loucura. Por outro lado, toda atividade sexual desse paciente típico da sexologia está vigiada pela consciência que vai dirigindo o corpo, o corpo máquina, o corpo coisa, para que ele produza um orgasmo.

Ao produzir esse orgasmo o indivíduo pensa: “eu sou normal, ou melhor, talvez seja melhor do que normal, porque a média da mulher americana de tanto a não sei quanto de idade não tem orgasmo. Eu tenho. Então, estou acima da média. Ou então estou dentro da média. O que não posso é estar abaixo da média”.

A divulgação de estatísticas a respeito da sexualidade — quantas mulheres fazem assim, quantos homens fazem assado, que preferência se tem — é muito importante no sentido de que o indivíduo se sinta situado dentro de uma certa população, que é a *moda*, em termos de curva estatística, e então sinta que pode praticar seu sexo em paz, porque seu sexo é normal. Trata-se, em última análise, de reforçar as defesas neuróticas de uma pessoa para que ela consiga obter um orgasmo ou uma “performance” sexual em condições adversas — em condições nas quais seu corpo está recusando esse desempenho, mas isso não é questionado pela sexologia. Aquele que já esteve castrado pela repressão, pela educação, pelo castigo da masturbação na infância etc., tem agora de ajustar-se ao seu corpo castrado e dele obter um mínimo de prazer.

A educação sexual também ajusta o indivíduo ao seu conflito moral. No momento em que ele ainda tem um resquício de formação orientada pela Igreja, aquela moral ainda da interdição — o que pode, o que não pode —, e tem toda uma solicitação para fazer mais, para conseguir mais, para obter mais, para gozar mais, a educação sexual passa uma vaselina nesses conflitos. De que maneira? De certa forma, através da própria orientação sexual. Por exemplo, caiu nas minhas mãos um livro norte-americano, um compêndio com 750 perguntas a respeito de sexo respondidas por 500 especialistas. É incrível verificar, nesse livro, onde chega a curiosidade humana a respeito de sexo. Pergunta-se desde se a ninfomaníaca tem orgasmo clitoriano ou vaginal (sem colocar em dúvida o que é a ninfomaníaca, o que são esses conceitos de orgasmo clitoriano e vaginal) até sobre o limite que posso chegar nas minhas preferências sexuais. Atribui-se a um especialista, a um doutor, a uma autoridade, o poder de dizer a mim, a você, o que se pode fazer, qual é o gesto permitido, qual é o teatro permitido na relação sexual. E as respostas, surpreendentemente, não são moralistas naquele sentido que eu esperava: não pode, não faça, é perigoso. As respostas são liberais. As respostas dizem o seguinte: você pode fazer o que quiser, contanto que...

Então vêm as condições para que o homem pratique um sexo sadio, sem sofrer conseqüências nefastas. As condições seriam as seguintes, por exemplo, para o jovem que é um “prato cheio”; é aquele que ainda não está preparado para o casamento, ainda não produz,

não cria família e no entanto já tem uma demanda sexual. A demanda sexual do jovem não pode ser capitalizada, não serve para nada, ainda. Então como é que o jovem pode ter relações sexuais? A resposta de um especialista é a seguinte: "Sim, pode. Desde que tenha conseguido resolver *bem* quatro tarefas do seu desenvolvimento como ser humano. Primeiro, tem que conseguir modificar a natureza de sua relação com os pais, de modo que não seja uma relação de filho para pai, mas seja uma relação de adulto para adulto. Tem que conseguir desenvolver um sentimento de sua identidade sexual como homem ou como mulher: tem que estar bem na própria pele, como homem ou como mulher. Tem que criar um sistema de valores, um sistema moral para que seja adaptado às suas necessidades e à sua realidade. E tem que desenvolver uma capacidade de estabelecer uma intimidade afetiva e sexual confortável para os dois". Tudo isso ele tem que conseguir *antes* de ter relações sexuais. Como, eu não sei. Se ele conseguir tudo isso, então estará liberado para fazer o que quiser.

Outra pergunta: "Até que ponto podem ir minhas preferências sexuais não convencionais?" Ou seja, até que ponto é permitido todo meu desejo que sai da relação "certinha" que pode produzir um filho? Então, é um especialista também quem responde: "Você pode fazer o que quiser, *contanto* que discuta com seu parceiro ou com sua parceira suas preferências e explique a ele por que você quer. Se não houver um acordo, consultem um especialista, que vai orientá-los até que vocês consigam qualquer tipo de prática sexual sem que isso desequilibre o casal". Se, depois disso, você continuar a ter algum tipo de desejo, pode continuar a fazer o que quiser...

Bom, evidentemente, o que quero dizer é que a repressão está aí, só que não mais na figura do padre, que julgava e condenava ao inferno por causa da sua carne. A repressão não está mais na família vitoriana, que amarrava a criança para não se masturbar. A repressão está na própria autovigilância do indivíduo, que se vigia até que faça parte da norma. O indivíduo é seu próprio sujeito de repressão. A consciência está colocada talvez não *contra* o corpo no sentido da interdição, mas continua *acima* do corpo, a observar o corpo que deseja, a observar o corpo que age. Qualquer gesto é permitido, qualquer toque é permitido. O que não é permitido é que isso seja feito de uma maneira integrada na consciência, a consciência tem que estar *acima* do ato.

Por que tudo isso? Fala-se de repressão como uma coisa maquiavélica, como uma coisa que surgiu não se sabe por quê. Pode-se continuar se queixando dela, sem entender a que ela serve. Acho que, nesse momento, a repressão serve basicamente a um empobrecimento *afetivo* da relação sexual. Ela serve basicamente para que a relação sexual seja um gesto de pouca emoção; que o sexo seja um tipo de teatro onde o emocional continua ileso, sem questionar nosso cotidiano, nosso dia-a-dia, nosso trabalho, nosso supermercado. Hoje nós podemos praticar o sexo numa continuidade, com o ritmo da produção. A nossa vida está organizada, nós produzimos nós

consumimos e nós praticamos sexo. Isso organiza bem a família; faz com que a família permaneça estável e faz com que seus membros continuem aptos a produzir. Não é preciso "pirar" para obter uma boa relação sexual e uma boa vida afetiva e satisfatória. Isso me lembra uma frase, acho que de Peter Fry que diz o seguinte: uma sociedade na qual o comportamento sexual esteja fora dos rótulos e totalmente entregue ao fluxo das emoções, que é um fluxo que nós não conhecemos bem, que é um fluxo desordenado, nos parece uma sociedade assustadora, porque é extremamente desorganizada. Uma sociedade em que o comportamento sexual fosse dirigido simplesmente pelas preferências espontâneas das pessoas nos pareceria uma sociedade menos produtiva e menos organizada, pelo menos no sentido da organização que conhecemos hoje. No entanto, parece-nos também, seria uma sociedade menos neurótica. Porque o ajustamento do indivíduo à sua condição de castração sexual, o trabalho do orientador e do terapeuta sexual, que tenta fazer com — que o indivíduo funcione bem em qualquer condição — com fome, cansado, insatisfeito, com uma vida existencial paupérrima, com um cotidiano massacrante — é um tipo de ajustamento que se consegue reforçando as defesas neuróticas do indivíduo.

Existe um termo, na terapia comportamental, para tratamento de fobias, que se chama "dessensibilização sistemática". O indivíduo vai se aproximando, em sessões contínuas e sucessivas, do seu objeto de fobia, e cada vez que chega a um estado de ansiedade quase insuportável, a sessão é interrompida; da outra vez ele se aproxima um pouco mais, até que consiga um contato sem ansiedade com o objeto que lhe causa fobia. Nesse caso de dessensibilização sistemática, não se questiona o que sensibilizou o indivíduo com aquele objeto, não se procura tomar consciência do que foi, simplesmente se tenta eliminar o sintoma. No caso da orientação sexual também. Se por algum motivo o homem ou a mulher estão tão sensibilizados pelas suas condições de vida que não conseguem mais ter uma vida sexual sadia, vão se *dessensibilizar*, vão se aproximando devagarzinho do seu ideal de desempenho de funcionamento de corpo, até que chega o momento em que aquilo que sensibilizava não sensibiliza mais, e eles *funcionam*. O termo é exatamente esse: *funcionam*.

No momento em que o indivíduo funciona, funciona também para produzir e para regular seu comportamento em outras áreas. As defesas neuróticas desse indivíduo estão totalmente armadas, totalmente fortalecidas, e ele pode conviver numa sociedade que é neurótica, que nos rouba tempo, que nos rouba a relação com o espaço. Estou colocando outras coisas da área não sexual, mas sensual, erótica. Estamos tentando adaptar nossa sensualidade uma sociedade que não nos dá direito ao livre uso do nosso tempo, ao livre uso do espaço urbano. Uma sociedade que não nos dá direito ao intercâmbio de olhares, livres e desimpedidos. Uma sociedade que não nos dá direito ao intercâmbio das emoções.

Mas, que está no fim dessa linha toda? A vinculação entre sexo e amor. Uma vez que não existe uma medida quantitativa e objetiva do que seja amor, você pode praticar o sexo, *contanto* que dentro de relações

afetivas estáveis, consideradas como relações amorosas, de respeito; mas não se sabe bem o que é isso: não temos ainda uma medida "objetiva" do amor. O amor é aquilo que conduz a uma relação duradoura com seu parceiro. O amor é aquilo que conduz ao casamento. Portanto, está mantida ainda a mesma moral, com outro discurso, com muito mais sedução. A mesma moral de séculos atrás. O amor é aquilo que conduz à reprodução da família e à manutenção das funções dentro da família, à organização das funções pela família. Então, no fim da linha está o casamento, está a produção organizada, a divisão dos papéis sexuais/sociais. Para nos ajudar nesse caminho, sem percalços, está a sexologia, estão os profissionais, os técnicos do ajustamento da máquina-corpo. Para que a fantasia não fique a esmo, para que o desejo que foge dessa regra não fique a esmo, paralelamente a essa linha reta está o consumo. E através do consumo, você realiza a perversão que quiser. O consumo é a realização que não coube dentro do padrão "casamento, família e monogamia". Paralelamente, via consumo, você pode fazer o que quiser desde que mantenha essa ordem. Se vamos pensar em termos de educação sexual para crianças, temos que ter consciência de que, quem vai praticar, quem vai exercer esse poder de educar a criança, é esse adulto orientado através dessa moral e dessa filosofia sobre o sexo. E que, nesse sentido, a educação sexual evidentemente não é um instrumento nem de democracia nem de liberação.

**M**aria José Werebe: Gostaria de assinalar, em primeiro lugar, que, quando falamos de sexualidade, quando falamos de conhecimentos sobre a vida sexual, quando falamos de educação sexual, nossas referências se aplicam em geral a um determinado tipo de indivíduo, oriundo das classes média e alta da sociedade.

Se pouco sabemos sobre a sexualidade humana em geral, e mesmo sobre a sexualidade dos indivíduos dessas classes mais favorecidas, devemos reconhecer que ignoramos praticamente tudo sobre a vida sexual das pessoas dos meios mais pobres.

Assim sendo, nosso discurso "sexual" está sempre vinculado a certo tipo de indivíduo. Por outro lado, quando falamos de educação sexual, também nos limitamos à ação pedagógica endereçada às crianças e jovens que vão à escola, pois, em geral, situamos essa ação dentro da instituição escolar.

Essa advertência preliminar é necessária, para que se saiba de quem e para quem estamos falando.

O "cenário" que permite situar os problemas que nos interessam já foi preparado, de certa forma, pelas intervenções anteriores, que focalizaram sobretudo a sexualidade humana em geral. Cabe-me agora tratar mais particularmente da educação sexual.

Em primeiro lugar, porque conheço melhor essa questão, porque está dentro do campo de minha especialidade: dirigi uma experiência feita no Brasil, durante cinco anos, no Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo, e há mais de dez anos dedico-me, na França, a pesquisas sobre a sexualidade do adolescente.

Em segundo lugar, porque o tema central desta mesa redonda é a educação sexual.

Vocês poderão objetar que, pelo fato de estar afastada do Brasil há mais de dez anos, estaria também distanciada de realidade brasileira e que, em conseqüência, minhas experiências se aplicariam a uma outra realidade, diferente da nossa. As reflexões que vou apresentar aqui se baseiam nos estudos teóricos que venho fazendo, bem como em minhas experiências pedagógicas e de pesquisa, realizadas tanto no Brasil quanto na França. De qualquer forma, parece-me que o trabalho feito em outros países pode sempre oferecer conhecimentos úteis e importantes, sobretudo quando se pretende estender as realizações nesse campo, tal como ocorre atualmente no Brasil.

Devo confessar que fiquei surpresa, e até mesmo preocupada, quando soube, em Paris, que no Brasil já se realizavam congressos nacionais de educação sexual. Quando deixei o país, em fins de 1969, já se sentia a repressão (que se aguçou nos anos seguintes) contra as experiências que vinham sendo conduzidas, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Tive a impressão de que o renascimento do trabalho, nesse campo, está se processando de forma um tanto "acelerada", e que, por isso, já se considera possível a organização de congressos de âmbito nacional.

Minha perplexidade se deve, talvez, ao fato de julgar os acontecimentos à distância. Porém, as reportagens e declarações publicadas em jornais, por ocasião de tais encontros, reafirmaram minha impressão de que, de fato, estava havendo certa precipitação na evolução dos acontecimentos.

Sem dúvida, esse fenômeno é, de certa forma, conseqüência natural de um longo período de repressão: quando os "diques" se rompem, as explosões espontâneas se sucedem até que se atinja a fase em que é possível planejar melhor o que se pode e se deve fazer.

Essas considerações não devem ser tomadas como críticas, mas como a expressão de uma preocupação que acho legítima, desde que os problemas em jogo são inúmeros e complexos. Atualmente, ninguém — nem mesmo nos países que já têm uma longa experiência no campo — pode estar completamente seguro no trabalho de educação sexual e, por isso, uma certa cautela se impõe.

## EDUCAÇÃO SEXUAL INFORMAL E FORMAL

Convém distinguir os dois tipos de educação sexual:

- 1º) a educação sexual informal, processo global, não intencional, que engloba toda ação exercida sobre o indivíduo, no seu cotidiano, desde o nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre sua vida sexual;
- 2º) a educação sexual formal, deliberada, institucionalizada, feita dentro ou fora da escola.

Pode-se pois afirmar que a educação sexual existe sempre, na família, na escola e na sociedade em geral, independente de intervenções pedagógicas deliberadas.

A educação sexual informal é muito importante, sobretudo a que se faz no âmbito da família. Os pais



constituem o primeiro "casal" que a criança conhece e é com eles que ela mantém relações afetivas significativas e, ademais, complexas e ambivalentes. Por outro lado, a influência que recebe em todas as situações da vida cotidiana familiar se processa, durante muito tempo, de forma sutil, sem que ela tenha consciência clara do que se passa. Por isso, não tem possibilidade de enfrentar ou de contestar, de forma direta, nem tampouco de controlar conscientemente as influências recebidas.

O fato é que, quando a educação sexual sistemática começa, os educandos já foram "marcados" pelas ações informais. Afora os valores e normas que lhes foram inculcados, trazem consigo uma série de informações e "deformações" sobre as questões sexuais. Muitos se sentem bloqueados para falar de sexo, para exprimir suas dúvidas e preocupações. Há os que manifestam uma atitude ambivalente em relação à própria educação sexual: aparentemente "não sabem" se querem ou não ser informados, como se a informação ou a situação em que ela se processa constituísse uma ameaça, o que, em certo sentido, é verdade, nos casos em que a ignorância e o silêncio representam uma "defesa" ou uma "proteção".

Da mesma forma que na família, na escola também se faz educação sexual sempre, mesmo quando não se oferece aos alunos uma informação sistemática, quando não se fala de sexo. Aliás, pode-se dizer que a não informação é uma forma de informação: o silêncio em torno das questões sexuais constitui uma certa maneira de orientar.

A escola influi sobre os alunos, em matéria de educação sexual, pela sua organização, pela distribuição dos alunos, pelas atividades que lhes proporciona e, sobretudo, pelos modelos humanos que lhes oferece.

Assim como os pais, os professores educam para a vida sexual, pela sua forma particular de ser, pelo fato de existirem como seres sexuados, que desempenham os papéis correspondentes aos estereótipos masculino e feminino. A maneira como vivem e assumem a própria sexualidade e aceitam a sexualidade dos outros, em particular a dos alunos, transparece nas suas atitudes e seus comportamentos em sala de aula. É o caso, por exemplo, quando fazem as distinções entre os alunos dos dois sexos, estimulando na menina determinadas atitudes ditas femininas e, no menino, certas atitudes consideradas masculinas. É assim que a escola funciona como um agente poderoso na formação e na consolidação dos papéis sexuais tradicionais que a sociedade estabelece para cada um dos sexos.

O fato de que o professor não tenha consciência de sua influência sobre a vida sexual dos alunos é grave, pois a ação que desempenha fica, de certa forma, fora de seu controle. Por sua vez, o aluno também não é consciente dessa influência e, por isso, não se "prepara" para recebê-la e não pode enfrentá-la diretamente.

## ALCANCE E LIMITES DA EDUCAÇÃO SEXUAL

O problema do alcance e dos limites da educação sexual sistemática se coloca nos mesmos termos que o de qualquer outro tipo de educação. A grande ilusão que

têm muitos educadores, de que podem reformar o mundo por meio de sua ação, também se encontra entre os que se ocupam de educação sexual. Muitos são os que acreditam poder mudar os comportamentos e atitudes dos indivíduos, liberá-los das "amarras", dos fantasmas que perturbam ou reprimem a vida sexual, por meio de intervenções pedagógicas. Trata-se da mesma crença ingênua de que a educação pode reformar o mundo.

A propósito, é interessante lembrar que Reich<sup>1</sup>, criticou severamente o tipo de educação sexual que se fazia no seu tempo, considerando os que dela se encarregavam como "pretensos reformadores" que pensavam tudo reformar com o ensino que ministravam. Na realidade, segundo ele, o trabalho que faziam dificultava ainda mais a solução dos problemas e escamoteava a necessidade de uma mudança social. As críticas de Reich são válidas ainda hoje, em grande parte, sobretudo se se considera o que em geral é feito em matéria de educação sexual. No entanto, acredito que seja possível desenvolver um trabalho educativo positivo, mesmo que limitado em seu alcance.

Não concordo também plenamente com os psicanalistas que afirmam a impotência da educação sexual, uma vez que "les jeux sont faits" na infância. A esse respeito, posso citar um exemplo bastante ilustrativo, e que se refere à masturbação.

Freud distinguiu, com acerto, o ato de se masturbar dos fantasmas que o acompanham. Segundo ele, são esses fantasmas os responsáveis pelos sentimentos de culpabilidade associados a tal comportamento. Essa culpabilidade seria inevitável, desde que não se pode eliminar os fantasmas em jogo, mesmo quando o indivíduo é informado de que a masturbação constitui um comportamento normal, presente na quase totalidade dos meninos e rapazes e numa grande porcentagem de meninas e moças.

O psicanalista americano, P. Blos, fez algumas referências, no seu livro sobre os adolescentes, a respeito do que praticam livremente a masturbação, sem conflitos conscientes, sem sentimentos de culpabilidade. Ora, segundo ele, tais adolescentes nunca foram impedidos, na infância, de brincar com seus órgãos genitais, tendo sido educados em meios familiares mais permissivos. Apesar disso, prossegue o autor, quando se analisam seus sonhos e seus atos, verifica-se que essa serenidade despreocupada é ilusória e que a masturbação comporta, mesmo nesses casos, uma natureza conflitiva<sup>2</sup>.

Se aceitarmos o ponto de vista de Blos, teremos que admitir que nem uma educação mais liberal, sem repressões, nem uma intervenção pedagógica adequada pode assegurar ao indivíduo a prática da masturbação sem sentimentos de culpa.

Volto a reafirmar que, a meu ver, a educação sexual pode ser útil.

<sup>1</sup> Reich, W., *La révolution sexuelle*, Paris, Plon, 1968, p.185.

<sup>2</sup> Blos, P., *Les adolescents*, Essai de Psychanalyse (trad. do inglês), Paris, Stock, 1967, p.193.

Porém, é preciso reconhecer que ela não só não constitui uma panacéia, como até pode ser utilizada como um instrumento de repressão. É o caso, quando concebida para inculcar determinados valores e normas morais, para reforçar a idéia de que a única função válida do sexo é a reprodução, e de que todas as manifestações sexuais que escapam a essa função são malsãs, pecaminosas etc.

### "RECUPERAÇÃO" OFICIAL DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Tem-se observado, em alguns países, que, durante a fase que precede a instauração da educação sexual na escola, realizam-se experiências inovadoras, com resultados altamente positivos. Talvez isso se deva, em parte, ao espírito criador que anima os responsáveis por tais experiências, ao caráter de contestação que elas assumem, face a uma situação de repressão e, sobretudo, ao fato de que essas intervenções pedagógicas não constituem uma imposição aos alunos, mas, ao contrário, respondem a uma demanda real por parte deles. Em geral quando a educação sexual é "recuperada" pelos poderes institucionalizados, torna-se um instrumento de repressão sexual, passando a atender a objetivos que, via de regra, não correspondem aos interesses e às necessidades dos educandos.

Tive a oportunidade de acompanhar o que ocorreu na França, antes e depois da instauração oficial da educação sexual nas escolas.

Os acontecimentos de maio de 1968 e a repercussão que tiveram nos meios escolares foram de importância decisiva para a evolução da educação sexual no país. As experiências que até então se realizavam timidamente, se multiplicaram, em resposta às demandas crescentes dos jovens, ávidos em receber as informações sexuais que lhes eram songadas e em debater em grupo os problemas sexuais que lhes interessavam.

A amplitude assumida pelos movimentos e organizações que se ocupavam de educação sexual, de um lado, e as mudanças que há muito se processavam nas atitudes e nos comportamentos sexuais dos jovens, de outro, contribuíram para que se reconhecesse a necessidade urgente de implantar a educação sexual na escola.

Convém notar, de passagem, que, ao contrário da idéia que muitos brasileiros fazem sobre a França, como um país de grande liberdade sexual, lá prevalecem ainda valores e normas bastante conservadores em matéria sexual. Por isso mesmo, a educação sexual sempre encontrou fortes resistências em meios escolares franceses, reforçadas por pais de alunos. Chegou porém um momento em que se passou a considerar o "perigo" da informação sexual menor do que o representado pela ignorância dos jovens, diante das mudanças nos costumes sexuais, da veiculação do sexo pelos meios de comunicação de massa, em particular a televisão, o cinema e a publicidade. A educação sexual passou a ser encarada, assim, como um "mal menor". Dessa forma, não foi a preocupação com o desabrochar da personalidade do jovem, nem a necessidade de ajudá-lo a viver sua sexuali-

dade de forma sadia, sem culpa ou vergonha, que determinaram a instauração da educação sexual na escola. Note-se que, no final, só se admitiu a introdução oficial da "informação sexual", limitada aos aspectos biológicos da sexualidade, sob a responsabilidade dos professores de Ciências e Biologia.

A intenção desta medida foi pois a de tentar "proteger" o jovem contra as conseqüências indesejáveis da chamada "revolução sexual" de nossos tempos.

### QUE SIGNIFICA "REVOLUÇÃO SEXUAL"

Creio necessário abrir aqui um parêntese para introduzir algumas considerações sobre o que significa "revolução sexual". Sem dúvida alguma, há um certo exagero quando se afirma a existência de uma grande "revolução sexual" entre os jovens de hoje. Essa é uma das idéias correntes, sem muito fundamento, que gostaria de questionar.

Na verdade, trata-se mais de uma ilusão decorrente do fato de que, nos países ocidentais avançados (e em certos setores das classes altas e médias de alguns países subdesenvolvidos, verifica-se um aumento do número de jovens que começam suas experiências sexuais pré-conjugais, mais cedo do que nas gerações precedentes.

Ora, enquanto uma certa liberdade sexual se limitava aos jovens das classes menos favorecidas, não se falava de revolução sexual. Nessas classes, sempre se observou, em maior ou menor proporção, segundo o país, a existência de jovens adolescentes grávidas, filhos ilegítimos e uniões livres. Até mesmo a Igreja se mostrou tolerante em relação a tais comportamentos, nesses casos.

Entretanto, considerou-se que estava ocorrendo uma verdadeira "revolução sexual", quando os jovens das classes médias foram "atingidos" por certas formas de liberdade sexual.

Os dois critérios que definiram tal revolução foram os seguintes:

- 19) importância da extensão da permissividade sexual pré-conjugal entre os jovens das classes médias;
- 20) importância da extensão dessa permissividade às moças destas classes.

Esses critérios foram assim definidos em função dos elementos que devem "assegurar" a manutenção dos valores morais tradicionais da sociedade: a classe média, de um lado, e a mulher, de outro.

Como se vê, os comportamentos fora das normas morais vigentes não são socialmente julgados da mesma forma, quando ocorrem em classes sociais diferentes. Os "desvios" são tolerados ou reprimidos em função da repercussão que podem ter sobre a "ordem estabelecida" dos interesses sócio-políticos em jogo, dos meios de que dispõe a sociedade para fazer respeitar as tradições e as leis.

Nas sociedades ocidentais prevalece ainda, mesmo para a maioria dos jovens, o "duplo padrão" moral, ou seja:

- liberdade sexual para o homem, porque essa liberdade não constitui um "perigo" para a instituição familiar;

— castidade até o casamento e fidelidade conjugal para a mulher, de cuja "honra" depende a estabilidade da família.

Ora, a aceitação deste duplo padrão não implica admitir-se que "certas" mulheres (prostitutas, jovens de classes desfavorecidas) possam ser as parceiras sexuais do homem, em encontros e ligações pré e extra-conjugais. A prostituição é assim encarada como um "mal necessário". E não se observam, por exemplo, maiores escrúpulos em se aceitar que os jovens da burguesia iniciem sua vida sexual com as empregadas domésticas. As normas restritivas se aplicam apenas às moças e mulheres de famílias "bem organizadas", em geral das classes médias.

Uma vez definida a população à qual se refere a chamada "revolução sexual", passo a examinar outros aspectos desse fenômeno.

Os inúmeros *surveys* sobre a sexualidade dos jovens, realizados em vários países europeus e principalmente nos Estados Unidos, revelam um abaixamento da idade da primeira relação sexual, bem como uma certa convergência entre os comportamentos e atitudes sexuais de rapazes e moças.

Embora os resultados desses inquéritos não concordem em todos os pontos, a maioria dos autores admite que as mudanças ocorridas têm sido progressivas, atingindo mais alguns setores da população, em particular os meios estudantis. Por outro lado, consideram que ainda prevalecem certos padrões morais tradicionais, sobretudo em relação à mulher.

Segundo ainda os resultados de tais pesquisas, verifica-se uma tendência, entre os jovens, no sentido de adotarem uma "nova moral": a permissividade sexual pré-conjugal deixaria de ser um privilégio masculino e, ao invés de ser condicionada à duração e à seriedade da relação do casal (por exemplo, o noivado), passa a ser encarada como a expressão de uma relação interpessoal afetiva.

A idéia de que "o amor legitima o sexo" tem sido defendida inclusive por autores católicos, não obstante os reiterados pronunciamentos da Igreja, em particular do atual Papa, contra as relações sexuais antes e fora do casamento.

A constatação, feita pelas mencionadas pesquisas, de que cada vez mais os jovens admitem a permissividade sexual pré-conjugal com afeto, para ambos os sexos, deve ser aceita com reservas. Quando uma jovem informa que estava apaixonada pelo namorado com quem teve a primeira relação sexual, nem sempre está fornecendo uma resposta que corresponde exatamente à realidade. E não se trata apenas de uma questão de sinceridade por parte dela. Dados os padrões e valores vigentes, é difícil para uma moça admitir que (consciente ou inconscientemente) aceitou uma relação sexual porque a desejava ou por curiosidade e não propriamente por "amor". Com toda a "revolução sexual" em curso, ainda vigora a norma de que o sexo pelo prazer é para o homem exclusivamente.

Em entrevistas que tive com adolescentes francesas (numa pesquisa que estou realizando em Paris), pude constatar que, em muitos casos da primeira relação sexual, o "amor" pelo namorado não passava de um senti-

mento vago, mal definido e que, além da intimidade sexual, não existia, no casal, indícios de uma intimidade psicossocial maior. Pode verificar, por outro lado, que a comunicação mais completa, no plano psicossocial, se estabelecia entre amigos, sobretudo no caso de adolescentes mais jovens.

Segundo Erikson<sup>3</sup>, as intimidades sexuais precedem, freqüentemente, a capacidade de se desenvolver uma intimidade psicossocial verdadeira e recíproca com outra pessoa.

Os resultados de minhas pesquisas confirmam essa idéia de Erikson, contestando assim os resultados dos inquéritos a que me referi antes, que fazem supor a presença de uma relação afetiva, sobretudo para a maioria das moças, precedendo sempre uma intimidade sexual maior.

A multiplicação dos estudos quantitativos sobre os comportamentos e atitudes sexuais dos jovens reflete, de certa forma, uma preocupação de ordem moral, pois os autores parecem estar interessados principalmente em "avaliar" a extensão da permissividade sexual, segundo certas características dos jovens: sexo, idade, origem sócio-cultural, religião etc.

O mais importante não está em se conhecer as porcentagens referentes à tal permissividade, mas em saber como os jovens vivem a própria sexualidade, que lugar ela ocupa durante a adolescência.

#### "PERIGOS" QUE AMEAÇAM A EDUCAÇÃO SEXUAL

Para terminar, gostaria de chamar a atenção para certas ameaças que pesam sobre os estudos da sexualidade humana e, conseqüentemente, sobre a educação sexual, no mundo atual.

A primeira delas é a tendência a se medicalizar (e psiquiatrizar) tudo o que se refere à vida sexual do homem.

Com efeito, observa-se cada vez mais, em nossos dias, que as neurociências estão procurando apropriar-se do terreno das ciências humanas, em particular da psicologia. Com isso, procura-se privilegiar a dimensão biológica dos comportamentos humanos.

Este reducionismo biológico tem tido implicações graves não só na orientação das pesquisas psicológicas, mas também no campo de suas eventuais aplicações práticas, por exemplo, na educação e na terapia psicológica.

Dentro dessa perspectiva, os comportamentos sexuais não conformes às normas vigentes são facilmente "psiquiatrizados" (considerados como "perversões").

Note-se que a tendência a se enfatizar os aspectos biológicos da sexualidade é num certo sentido antiga. Por isso mesmo, os médicos eram (e ainda são) considerados os detentores do saber, nesse campo. Compreende-se assim por que, na escola, se atribui freqüentemen-

<sup>3</sup> Erikson, E.H. *Adolescence et crise* (trad. do inglês), Paris, Flammarion, 1972, p.142.

te aos professores de biologia a educação sexual que, em consequência, fica limitada às informações biológicas da vida sexual, com a omissão de seus aspectos psicológicos. Sem dúvida alguma, essa forma de educação sexual é repressiva, na medida em que oferece aos educandos uma visão falsa, parcial e incompleta da sexualidade.

Devo fazer aqui algumas observações sobre o que foi dito a respeito dos estudos realizados pelos dois cientistas americanos, W. Masters (médico) e V. Johnson (psicóloga), pois a eles não se pode aplicar as referências anteriores sobre a medicalização da sexualidade.

O grande mérito dos trabalhos que realizaram é indiscutível e foram eles que, pela primeira vez na história das pesquisas sobre a sexualidade humana, "ousaram" estudar as reações sexuais num laboratório, com a utilização de inúmeros controles científicos. Graças a esses trabalhos pôde-se questionar algumas idéias errôneas, defendidas pelos psicanalistas, sobre a sexualidade feminina.

É preciso distinguir bem, de um lado, as pesquisas feitas por Masters e Johnson e, de outro, as explorações discutíveis (se não perigosas) que têm sido feitas, a partir dos resultados a que chegaram, em particular no campo da terapia de problemas sexuais.

Cabe enfim salientar que, sendo especialistas em dois campos importantes, no caso dos estudos que realizaram, puderam assim associar, de forma fecunda, suas competências respectivas.

A segunda ameaça que me parece importante é a tendência, também em voga atualmente, a se considerar a sexualidade como um campo a parte, reservado a certos especialistas: os "sexólogos". Note-se que não são apenas médicos que se arvoram em "sexólogos".

Ora, a sexualidade constitui uma das formas de expressão da personalidade total do indivíduo e a sua consideração como um processo isolado, independente, falseia a visão que se deve ter dela.

Por outro lado, tendo-se em conta o estado quase embrionário das investigações sobre a sexualidade humana, parece-me muito prematuro pretender-se erigir como uma nova ciência, a chamada "sexologia". O fato é que suas fronteiras se aproximam perigosamente da charlatanice e, por isso, somos obrigados a desconfiar de certos sexólogos que se apresentam como os novos "maços", portadores de soluções para os "males" sexuais.

A respeito dos conhecimentos científicos sobre a sexualidade humana, gostaria de fazer uma observação sobre uma afirmação de Marilena. Contrariando o que disse Foucault, Marilena declarou que são muitos os estudos e escritos sobre o sexo. Ora, é preciso notar que, em sua maioria, os estudos feitos até o presente têm sido repetitivos, superficiais e pouco nos ensinam de fato sobre a questão. Eu diria, ao contrário, que os aspectos fundamentais da vida sexual humana são pouco estudados e que, por isso, os conhecemos mal. Por exemplo, pouco sabemos ainda sobre a sexualidade da criança e do adolescente, o que é grave, pois tais conhecimentos constituem uma condição preliminar para se fazer educação sexual (sistemática ou não).

Quanto ao "educador sexual", as experiências têm demonstrado que ele não deve ser necessariamente um "especialista", detentor de conhecimentos científicos extensos e aprofundados sobre a sexualidade. De qualquer forma, não são esses conhecimentos que, por si sós, o credenciam para o trabalho pedagógico nesse campo.

Como já disse antes, há certas características pessoais que são indispensáveis, sobretudo se se considera que, em educação sexual, a "liberação da palavra" é essencial.

Ao educador não cabe somente oferecer informações sexuais (que, de qualquer maneira, devem corresponder aos interesses dos educandos), mas sua tarefa principal é a de saber ouvir, de facilitar a expressão das dúvidas e inquietações do educando, de criar condições para que suas demandas reais possam ser explicitadas. E mais ainda, ele deve ter a sensibilidade necessária para compreender o que está "por trás" de cada demanda feita (o "não dito").

Não se pode esquecer que a grande maioria dos adolescentes ignora fatos importantes da vida sexual, ao mesmo tempo que possuem informações imprecisas e incorretas neste campo. Alguns têm uma visão completamente deformada da sexualidade, graças às "informações" dadas pelos colegas e amigos, às leituras de revistas pornográficas, que alimentam certos mitos, preconceitos e falsas idéias.

De qualquer forma, o que mais interessa à criança e ao adolescente são eles próprios e, conseqüentemente, os fatos sexuais que lhes concernem diretamente.